

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIAS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUACU

JENIFFER ESTEFFANY FAGUNDES DA SILVA

O BULLYING E SUAS IMPLICAÇÕES NA ESCOLA

URUACU-GO

2021

JENIFFER ESTEFFANY FAGUNDES DA SILVA

O BULLYING E SUAS IMPLICAÇÕES NA ESCOLA

Monografia apresentada à
Universidade Estadual de Goiás –
Câmpus Universitário de Uruaçu,
como requisito para a conclusão do
curso de graduação em pedagogia,
sob orientação do professor Dr.
Edmilson Marques.

URUACU-GO

2021

“Ninguém deve ser atacado por ser quem é, muito pelo contrário deve ser admirado pela sua coragem.”

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I	8
A História e o Conceito de Bullying	8
1.1.1 Conceito de violência	8
1.2 Breve história do bullying	9
1.2.1 Conceituando o bullying	9
1.2.2 Bullying escolar	10
1.3 A tipologia do bullying	13
1.3.1 O Cyberbullying.....	13
1.3.3 Como vítimas e agressores reagem.....	14
1.4 Lei 13.185 – Bullying.....	15
CAPÍTULO II	17
Pesquisa de campo e apresentação de dados	17
2.2 Materiais e métodos	17
2.2.2 Descrição dos dados.....	17
CAPÍTULO III	21
Análise de dados.....	21
Considerações finais	26
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	33

INTRODUÇÃO

O termo bullying é de origem inglesa e significa “brigão ou valentão”. Esse fenômeno se refere a práticas de atos de violência física ou psicológica de um ou mais “valentões” contra uma pessoa indefesa.

Há várias motivações para o presente trabalho de pesquisa, sendo a principal os recorrentes casos de bullying no ambiente escolar, muitas vezes confundido com brincadeiras, prejudicando a aprendizagem dos alunos.

A rotulagem no ambiente escolar é um problema que demonstra o quanto não respeitamos as diferenças e temos um “padrão de pessoa aceita”, e que todo o resto que não se enquadra no padrão imposto encontra algum problema. O tema aqui proposto para discussão, tem também como motivação a experiência pessoal, como alguém que não atendia aos padrões exigidos socialmente para uma pessoa que integra as classes privilegiadas, cabelo liso, nariz fino e peso ideal.

O trabalho surgiu das minhas lembranças de escola, de como as “brincadeiras” cotidianas com o meu cabelo e outros aspectos físicos, diminuía minha vontade de ir à escola, a minha autoestima e o interesse nas aulas. Ao vivenciar cyberbullying através do Facebook, por um perfil fake com a minha foto e opiniões sobre o meu comportamento social e boatos utilizando meu nome e o da minha família, isso me motivou a estudar mais o assunto. Também passei por uma experiência em sala de aula, quando uma professora manifestou me achar muito gorda na frente de todos os alunos, me constrangendo muito. Em resposta a essa situação, simplesmente parei de comer, comecei a ingerir muito líquido e pouquíssimos alimentos sólidos. Isso afetou negativamente a minha saúde e perdi peso, mesmo nunca tendo notado nada de errado com o meu corpo.

Por viver na pele o que um simples comentário contínuo pode fazer e como um comentário feito por alguém que exercia um cargo de poder sobre mim, tem impacto. É que decidi apresentar uma proposta de pesquisa que colocasse essa questão em evidência, no sentido de estudá-la e compreendê-la mais profundamente. Ofensas verbais e ataques físicos eram “brincadeiras” entre crianças. O problema é que essas crianças se sentem mal com essas ofensas, e os ataques físicos podem se tornar cada vez mais violentos e rotineiros. O termo “bullying” está sendo bem comentado na mídia, tem sido tema de series, filmes e debates. Mas esse fenômeno

sempre existiu, só que anteriormente não tinha um nome próprio, era normalizado, sendo considerado de “brincadeira de criança”.

Este trabalho foi pensado a partir da leitura de artigos e trabalhos referentes a Cleo Fante, Gabriel Chalita, psicólogo Marcelo Costa e outros autores. Este estudo está relacionado com uma pesquisa, onde o problema central que iremos investigar, é o seguinte: quais as consequências do Bullying para o processo de ensino aprendizagem?

O presente estudo usará procedimentos para levantar e analisar os dados de forma específica e acontecerá da seguinte forma: Para coletar os dados fizemos uso de questionários definidos na adequação da pesquisa, e foram aplicados sob o consentimento dos participantes e da Instituição de ensino onde a pesquisa foi realizada. Os dados coletados foram armazenados e protegidos contra acesso de terceiros que não façam parte da implementação da pesquisa.

A análise e processamento dos dados coletados foi feita em duas etapas. Na primeira etapa separamos os dados e criação de gráficos e/ou tabelas com informações sobre os dados coletados. Na segunda etapa realizamos interpretação e explicação dos dados através de texto.

A redação do trabalho de conclusão de curso abrangeu etapas um e dois da análise e processamentos de dados e buscou mostrar se o bullying ocorre, se os alunos já baixaram os rendimentos nas aulas por tal fenômeno, se eles já deixaram de ir a aula, se perderam o interesse pelas aulas por sofrer abusos e etc. Foram inclusos na redação os modelos dos formulários aplicados, sem a identificação das pessoas que responderam.

O primeiro capítulo deste trabalho trata-se da discussão teórica e histórica sobre o bullying, buscando esclarecer o conceito de bullying na visão de autores como Fante e Coloroso. As variações de bullying existentes, como esse fenômeno ocorreu durante a história, suas consequências e como identificá-lo nas vítimas e agressores.

O segundo capítulo se ocupará da organização da pesquisa realizada na escola que se manterá anônima, que atende do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Foi aplicado um questionário para o 8º ano e 9º ano do ensino fundamental e ensino médio, a escolha das salas foram sugestões das coordenadoras da escola.

O terceiro capítulo tem como objetivo analisar os dados da pesquisa. A metodologia que será usada é o recolhimento de dados através de um formulário online, com o objetivo de compreender o fenômeno bullying e sua influência no ambiente escolar. Considerando o referencial teórico propomos analisar se o bullying é identificado pelos alunos e quais são os efeitos causados neles.

A conclusão da pesquisa aponta para a análise e processamentos de dados, que tentará mostrar se o bullying ocorre, se os alunos já deixaram de frequentar as aulas ou perderam o interesse nas aulas por sofrer abusos.

CAPÍTULO I

A História e o Conceito de Bullying

O objetivo desse capítulo é realizar uma reflexão pertinente ao tema, de modo a fornecer aqui bases teóricas de análise do fenômeno bullying. A proposta, portanto, é explicar o que é esse fenômeno, conhecer sua história e suas variações, com foco no bullying escolar.

1.1.1 Conceito de violência

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS,2002), a violência pode ser entendida como: intencionalidade de força ou poder contra si próprio ou o outro, que tenha possibilidade ou ocorra danos, como lesão, morte, dano psicológico e etc. E essa violência pode ser reflexo da desigualdade social, falhas nas leis e sistema judiciário, falta de assistência aos mais pobres e as vítimas de violência e etc. Fante declara que:

Segundo alguns autores, o termo violência é complexo e polissêmico, isto é, apresenta diferentes sentidos, o seu significado se define a partir do seu contexto formador – social, econômico e cultural, de acordo com o sistema de valores adotados por cada sociedade e é levado em consideração o seu nível de tolerância para a violência. (FANTE, 2005, p. 154).

Ou seja, essa violência varia para cada pessoa, ou vítima, de acordo com o seu nível sociocultural e emocional de quem a sofre ou pratica. Segundo Marx: “A produção de ideias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real” (Marx, 1977, p.36). O que vemos dentro dos muros da escola, é o reflexo do que se vê por fora. É apenas uma reprodução de tudo o que acontece na sociedade, não existe uma escola boa com uma sociedade ruim, com uma sociedade violenta.

1.2 Breve história do bullying

O bullying é um problema mundial, que não se restringe a uma instituição escolar. Segundo Fante (2005, p.45), foi Dan Olweus o pioneiro em pesquisas e critérios para detectar o problema. Antes de 1970 nada se sabia sobre o bullying, somente com pesquisas em 1972 e 1973, na Escandinávia, que o problema foi visto como sério pelas famílias. Chegando a ser preocupação também na Noruega e na Suécia, posteriormente em toda a Europa.

Conforme o pensamento de Gabriel Chalita, que discorre um pouco sobre essa historicidade, o primeiro país a preocupar com o bullying escolar foi a Suécia, na década de 1970, quando ocorreram várias agressividades no ambiente escolar. A escola junto à sociedade tentou investigar e solucionar o problema. (CHALITA 2008, p.100)

Na Noruega, o bullying foi motivo de preocupação e inquietação nos meios de comunicações e entre professores e pais, sem que houvesse comprometimento judicial. No final de 1982, o bullying se transformou em uma preocupação e alvo de atenção de entidades escolares, quando o jornal noticiava o suicídio de três alunos com idade de 10 a 14 anos, no Norte da Noruega, tendo como principal causa do suicídio, os maus tratos de colegas de escola.

Dan Olweus, na época, investigou nas escolas agressões, com o objetivo de diferenciar o problema de forma específica e a avaliar a sua natureza. Através de uma pesquisa de campo, com questionários de 25 questões padrões, Dan Olweus percebeu que de sete alunos um estaria envolvido em um caso de bullying. A partir disso, ele propôs junto ao governo norueguês um programa de intervenção. Esse fato incentivou outros países, como Reino Unido, Canadá e Portugal. (OLWEUS, 1997, p. 495)

1.2.1 Conceituando o bullying

O bullying é caracterizado por agressões contínuas, como uma perseguição. E essas agressões podem ser de ordem verbal, física e psicológica. As vítimas são ridicularizadas, expostas e intimidadas. Sofrem agressões com base em suas características físicas, hábitos, sexualidade e até pelo seu jeito de tímido.

Coloroso (2004, p. 13-14) define o fenômeno dizendo:

[...] bullying” é uma atividade consciente, desejada e deliberadamente hostil orientada pelo objetivo de ferir, induzir o medo pela ameaça de futuras agressões e criar terror. Seja premeditada ou aleatória, óbvia ou sutil, praticada de forma evidente ou às escondidas, identificada facilmente ou mascarada em uma relação de aparente amizade, o “bullying” incluirá sempre três elementos: desequilíbrio de poder, intenção de ferir e ameaça de futura agressão. Quando o “bullying” se desenvolve e se torna ainda mais sério, um quarto elemento é adicionado: o terror. (COLOROSO,2004, p. 13-14).

Uma prática de agressão tão cruel que se manifesta no ambiente escolar, onde se deve proporcionar segurança para crianças e adolescentes, tem que ser levado a sério. Não se pode deixar essa relação de dominação e jogo de poder, serem levados a diante, muito menos a chegar ao ponto de terror mencionado pelo o autor.

O bullying não possui uma tradução para o português, a autora Cleo Fante (2005) se refere ao bullying de forma universal, após falar das modificações do termo em diversos países:

Assim sendo, por definição universal, bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying. (FANTE, 2005, p.28-29).

O bullying portanto, é um conjunto de ações agressivas, repetitivas, carregadas de intencionalidades e sem motivação aparente. Mas que sempre resultam em um jogo de poder, onde o mais fraco sempre perde, podendo perder até mesmo a sua identidade, autoestima, autoconfiança, dignidade e paz, sendo nocivo para a vida acadêmica e pessoal, de estudantes em todo o mundo.

1.2.2 Bullying escolar

Por ser um ambiente onde os jovens passam bastante tempo e o local onde interagem com um maior número de pessoas, o espaço escolar é onde mais ocorre bullying. (Porfírio, 2021). Na escola, a sua aparência, sexualidade, jeito, comportamento são levados a uma observação minuciosa pelos outros alunos

ditos como “padrão”. Os que preenchem o padrão, ditam as regras e consideram todos os diferentes como inferiores, rogando para si uma superioridade que não existe.

Conforme afirma Chalita (2008, p.86) “são alunos populares que precisam de plateia para agir. Reconhecidos como valentões, oprimem e ameaçam suas vítimas por motivos banais, apenas para impor autoridade”. Existe uma espécie de rotulagem, que é o emprego de títulos como “tímida”, “feio”, “gordo”, “esquisito” e etc. E para superá-los muitas vezes recorrem a reproduzir a violência, se tornando valentões ou vítimas. Mas todos aqueles que estão fora desse “padrão”, sofrem intimidação, perseguição, violência psicológica e etc.

O bullying escolar segundo Guareshi (2008, p.17):

É um fenômeno devastador, podendo vir a afetar a autoestima e a saúde mental dos adolescentes, assim como desencadear problemas como anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e até mesmo o suicídio. Muitas crianças vítimas do bullying desenvolvem medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam voltar a escola quando esta nada faz em defesa da vítima.

Além do sofrimento da vítima durante os atos de intimidação, ameaças, agressões e ofensas, a falta de prestação de atendimento à mesma, após tudo o que ela passou, configura um desrespeito imenso e motivação para a perda de interesse nas aulas ou até mesmo, o não regresso à instituição.

Fante (2005) e Ana Beatriz Silva (2010) explicam, em seus respectivos livros, quem são os envolvidos na prática do bullying sendo: agressor, vítima e expectador. Problemas sérios podem se desenvolver através da prática do bullying, sentimentos de medo e/ou pânico não são sentimentos que podem ser atribuídos a uma instituição de ensino.

Mais detalhadamente, Fante (2005, p.71-74) identifica os protagonistas do fenômeno bullying, como:

a vítima típica: é aquela que serve como bode expiatório. Apresenta Aspecto físico mais frágil, extrema sensibilidade, timidez, passividade, insegurança, baixa autoestima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. A autora a chama de elo frágil, “presa fácil”, a que facilmente seria atacada e não revidaria.

a vítima provocadora: é aquela que provoca e atrai reações agressivas para si mesma, mas não reagi de forma eficaz, a chamada “gênio ruim”. Tenta brigar ou atacar quando é insultada, mas não age

de forma eficaz. De maneira geral, é imatura, irritante e responsável por causar tensões nos ambientes que está presente.

a vítima agressora: reproduz os maus-tratos sofridos. Tenta fazer alguém de bode expiatório, assim como sofreu tenta repassar o sofrimento. Trazendo ao bullying uma repercussão, fazendo ainda mais vítimas.

o agressor: busca a sensação de poder e domínio, de pouca empatia e membro de uma família desestruturada, na qual há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais oferecem o exemplo de comportamentos agressivos e violentos para solucionar conflitos. O agressor, normalmente, é mais forte do que suas vítimas; pode ter a mesma idade ou ser um pouco mais velho que as vítimas; é impulsivo e tem baixa resistência às frustrações. Odeia regras; é considerado malvado; adota condutas anti-sociais.

o espectador: é o aluno que vê o bullying mas não o sofre nem o pratica. O silêncio pode ser adotado por medo de se transformar em um novo alvo.

Atrelando a personalidade ao papel de protagonista, um adolescente frágil e delicado logo pode ser denominado de vítima típica, já que o seu traço pessoal não o deixara revidar. Assim como alguém de “gênio ruim”, utilizando o termo descrito pela a autora, não deixaria de reagir, pelo contrário ocasionaria a tensão.

Outro autor que concorda com a existência desses protagonistas é Silva (2010), especificando um pouco mais os espectadores. Silva, (2010, p. 31-32), subdivide esses espectadores em:

Espectadores passivos: são frágeis e se calam por medo de se tornarem a próxima vítima.

Espectadores ativos: que apesar de não agirem efetivamente, apoiam os agressores e se divertem com aquilo. Aqui podem estar escondidos os verdadeiros armadores da ação, se camuflando.

Espectadores neutros: são aqueles que omitem a situação de bullying, não se sensibilizam e isso pode ser justificado pelo o contexto social em que estão inseridos.

Os protagonistas reagem conforme suas características próprias e de acordo com como se sentem no momento da violência, e essa reação pode ser inesperada. Posso me dizer uma “justiceira”, mas o meu medo no momento de uma experiência conflitante me tornar uma covarde. Me tornando um expectador passivo.

Posso apenas parecer estar observando uma situação de agressão, quando na verdade eu mesma a armei, me tornando um espectador ativo ou posso simplesmente assistir e não me importar com a dor alheia, por ser normalizada na onde eu vivo, me tornando um espectador neutro.

1.3 A tipologia do bullying

Em um artigo do psicólogo Marcelo Costa, publicado por José Silva em 29 de abril de (2017), o autor identifica os tipos de bullying, que são eles: bullying físico, bullying sexual, bullying verbal, bullying social, cyberbullying e bullying homofóbico. O bullying físico é caracterizado por atos físicos agressivos, como: empurrar, chutar, cuspir, bater na vítima e etc. O bullying sexual são insultos sobre a índole sexual ou até mesmo, o ato sexual sem consentimento. Bullying verbal consiste em injúrias e humilhações. O bullying social típicos boatos/rumores e exclusão da vítima. Bullying homofóbico é relacionado a orientação sexual e identidade de gênero da vítima e o cyberbullying, um tipo mais recente de bullying impulsionado pela era da tecnologia, caracteriza-se pela divulgação de informações falsas, assédio, perseguição através de redes sociais e outros meios de comunicação.

O Bullying preconceituoso é marcado por preconceitos quanto cor, etnia, classe social e etc.

Bullying Direto é a prática do bullying escancarado. Segundo Calhau (2010) e Chalita (2008) o bullying direto é mais praticado pelo sexo masculino. É quando há manifestações de uso de força física, racismo, extorsão de dinheiro e etc.

Bullying Indireto se volta para a dissimulação, fofocas, boatos, mentiras e etc. Sendo considerado uma prática das meninas, mas segundo Fante (2011, p. 66) “uma tendência mundial indica que o bullying anteriormente sempre associado ao comportamento masculino, vem ganhando cada vez mais espaço entre as meninas”. A autora percebe que as meninas passaram a utilizar da violência física também, para a dominação.

1.3.1 O Cyberbullying

É basicamente, o bullying no ambiente virtual. Cyber que é o mesmo que (cibernético) e (bully) significa valentão em inglês. É simplesmente uma continuidade dele na internet, através de redes sociais, mensagens, vídeos e fotos.

Ações como: exposição de fotos íntimas, montagens com o objetivo de ridicularizar e criticar a aparência ou comportamento são consideradas cyberbullying. Pode-se nomear algumas práticas, sendo elas: Hater: o disseminador de ódio, Sexting: Troca de mensagens com conteúdo sexual e Revenge porn: Exposição de imagens com o objetivo de vingança.

Da mesma forma que com o bullying físico, o cyberbullying também pode trazer consequências. De acordo com Porfírio, (2021) na maioria das vezes, a atitude inicial é de isolamento e tristeza o que não deixa de ter chances de evoluir para sérios casos de depressão, transtorno de ansiedade e síndrome do pânico. Sem nenhum tratamento, as vítimas podem carregar traumas como baixa autoestima, dificuldades sociais e busca por alívio em drogas. Podendo também em uma ação extrema, cometer suicídio.

1.3.3 Como vítimas e agressores reagem

Em seu livro *Bullying: Mentas Perigosas nas Escolas*, de Ana Beatriz Barbosa Silva (2010, p.55), é abordado como as vítimas de bullying podem reagir conforme a suas personalidades. Há vítimas que buscam ajuda profissional para melhorar sua saúde mental e superar seus medos, aumentar sua autoestima e etc. Outros, encontram a resiliência, sendo capaz de superar os traumas sofridos pelas agressões.

Além disso, há jovens que não se livram dos traumas e os levam para a vida adulta, gerando adultos inseguros, depressivos ou até mesmo agressivos. Uma parte dessas crianças e adolescentes podem desenvolver transtornos psiquiátricos sérios, como pânico, bulimia, depressão, anorexia, ansiedade generalizada, fobias. Sendo eles, já possuidores de uma personalidade com predisposição genética. (SILVA, 2010, p.55).

Quanto ao agressor, permanecer com essa conduta, pode acarretar dificuldades em sua vida, segundo Cremer:

O sujeito que vive de forma que priorize a violência, não traz sofrimento só para quem ele agride, mas também para ele próprio, já que há um desgaste emocional durante uma briga e algumas vezes o sentimento de culpa [...] Em longo prazo esse estilo de vida traz muitas dificuldades relacionais e o comportamento antissocial pode se intensificar podendo até mesmo gerar problemas com a lei (CREMER, 2010, p. 142).

Podendo prejudicar relacionamentos, se tornarem adultos violentos e em casos mais graves, se tornarem infratores. Fante (2005, p.71-74), afirma que o agressor pode ter vindo de uma família desestruturada, na qual teve pouco ou nenhum relacionamento afetivo, tornando a reprodução desse triste comportamento uma possibilidade para os agressores com as suas futuras famílias.

1.4 Lei 13.185 – Bullying

No Brasil, pela presidente Dilma Rousseff, a Lei Nº 13.185, de 6 novembro de 2015, institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying). A lei é constituída por oito artigos, que caracterizam o bullying quando ocorre violência física ou psicológica, que podem ser classificadas em moral, social, virtual e etc. Essa proposta do Estado assegura programas e projetos de ação contra o problema, tornando as escolas responsáveis pela conscientização, prevenção e combate. Podendo ser transcrito aqui, os oito artigos que a compõe:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional.

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (bullying) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (cyberbullying), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Art. 3º A intimidação sistemática (bullying) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

- I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;

II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
IV - social: ignorar, isolar e excluir;
V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
VI - físico: socar, chutar, bater;
VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;
VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meio de constrangimento psicológico e social.
Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no caput do art. 1º :

I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (bullying) em toda a sociedade;
II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;
IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;
V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;
VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;
VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;
VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;
IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (bullying), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (bullying).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (bullying) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Art. 7º Os entes federados poderão firmar convênios e estabelecer parcerias para a implementação e a correta execução dos objetivos e diretrizes do Programa instituído por esta Lei.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias da data de sua publicação oficial. (BRASIL. Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015).

A lei é válida em todo o território nacional, proporcionando um reconhecimento do bullying com uma normatização própria. Serve como ponto de referência legal para amparo e segurança às vítimas. Reconhecendo, que o problema existe, é grave e possui proteção. Servindo também como um alerta.

CAPÍTULO II

Pesquisa de campo e apresentação de dados

O segundo capítulo é responsável por apresentar a pesquisa descritiva, realizada em uma escola pública estadual, que não será identificada, assim como os dados dos entrevistados.

2.2 Materiais e métodos

A presente pesquisa de campo sobre a possível ocorrência de bullying foi adaptada para um formulário online, devido a pandemia do Covid-19. A aplicação do questionário iniciou no dia 24 de setembro de 2020 com o formulário sendo enviado via link nos grupos de WhatsApp da escola para os alunos do 8º ano e 9º ano do ensino fundamental e ensino médio. A escolha das salas foram sugestões das coordenadoras da escola.

Realizamos uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa descritiva, que propõe descrever o que acontece na realidade aliada às nossas fontes primárias e secundárias. Tratamos nossos resultados abaixo organizados de forma qualitativa, traduzidos em ideias.

2.2.2 Descrição dos dados

Os alunos são todos estudantes da rede pública de ensino, do oitavo e nono ano do ensino fundamental e ao terceiro ano do ensino médio, que foram as turmas em que as coordenadoras sugeriram para a pesquisa ser aplicada. Por participarem mais das aulas remotas, podendo assim nos fornecer mais informações.

O questionário foi enviado no grupo de WhatsApp, por onde acontece as aulas e são enviados recados aos discentes pelas coordenadoras. Antes do envio do questionário foi feita uma breve explicação sobre a minha pesquisa, em

seguida, foi pedido aos alunos que respondessem a mesma através do link encaminhado.

Ao todo participaram 81 estudantes, a idade dos participantes da pesquisa variou entre 13 e 17 anos, sendo em sua maioria do sexo feminino. Seguimos o questionário programado e buscamos saber se eles sabem o que é bullying e a maioria disse que sim. Em sequência demandamos saber se na sua vida acadêmica deles já estudaram sobre bullying ou participaram de algum projeto de intervenção. A maioria disse que sim, que já estudaram, alguns disseram que até já participaram de projetos de intervenção e a minoria não estudou e nem esteve em algum projeto.

Interrogamos se sofreram bullying e se sim, pedimos para descrever a situação. As situações listadas não serão identificadas. Optamos por descrever os casos que apareceram nas respostas, não os repetindo. Começamos com a seguinte narrativa contada por uma aluna que disse que era excluída, apelidada e não tinha muitos amigos. Outra aluna conta que por ser uma pessoa acima do peso sofria com apelidos maldosos, chorava quase todos os dias e quando a diretoria e pais ficavam sabendo não adiantava muito, já que aquilo persistia. Relataram ainda a questão da forma do corpo, por exemplo: por serem gordas, por serem altas e no caso de um menino, por ser baixo. Apareceu também comentários sobre o cabelo, que era chamado de “Bombрил”. Um comentário sobre o corpo e cabelo de uma discente vinham de um professor. Um aluno apontou que por seu problema na perna, outra falou que pode ser por usar aparelho ou pela sua irmã ser homossexual.

Outro ponto que buscamos verificar é se houve essa situação de bullying e de quanto tempo seria. A maioria disse que o tempo de duração foi por mais de um ano ou por um dia, e a minoria respondeu que por um mês ou um ano.

Posteriormente nosso objetivo era saber se praticaram bullying e se sim, para discorrem sobre a circunstância. As respostas foram, em sua maioria não e em sua minoria sim. Uma situação descrita nos chamou a atenção, um aluno respondeu:

Me envergonho em dizer que sim, no momento pareceu somente brincadeira boba entre colegas mas no fim das contas acabou afetando muito o outro, julgamos a falta de inteligência dele e ele faltou uma semana de aula após o ocorrido.

Indagamos se já ouviram falar em Cyberbullying, e a maioria disse que não, nunca ouviram falar e a minoria disse que sim, já ouviu sobre o assunto. A dúvida seguinte foi se eles já foram ameaçados e insultados por mensagens, postagens no Facebook, Instagram ou outra rede social. A maioria respondeu que não foi ameaçado ou insultado por mensagens ou postagens.

Questionamos se sentiram excluídos e pedi que se a resposta fosse sim, que nos apontassem o motivo. Uma aluna na pesquisa se posicionou dizendo que sim, já foi excluída e que o motivo seria por ela ser gorda, e que além disso foi uma situação presente em uma boa parte do ensino fundamental. A mesma já está o ensino médio. Alguns disseram que a exclusão se dava por alguns grupos; outra aluna relatou ter sido excluída por não querer fazer parte desses grupos. Uma aluna reportou que a gravidez na adolescência poderia ser o fator que afastou de suas amigas; um aluno disse que já sentiu excluído por não se sentir dentro dos padrões de beleza impostos pela a sociedade e a nossa última resposta atesta exclusão pela cor da pele.

Em seguida, pretendemos saber se eles já receberam apelidos e se sim, quais seriam. A maioria indicava que recebiam apelidos pejorativos quanto ao peso deles, a exemplo desta resposta: “Sim. Gorda, baleia, baleia assassina, baleia jubarte, parece que só um tipo de baleia não estava bom quiseram implementar. Bola, bujão de gás, porquinha e por aí vai...”. Essa questão aparece em outra resposta, demonstrando que o contrário também acontece, como relata outra aluna: “Sim, magra, seca, palito, grilo.”

Outro aluno narrou sobre o apelido que recebeu em relação à questão sexual. Segundo ele foi apelidado de: “Viadinho matero” e destilaram termos como: peitoral, puta, feia, sua negra e outros para uma aluna. Buscamos entender sobre quem eram as pessoas que criavam os apelidos e apareceram respostas que indicavam ser colegas de classe, professores, amigos e família. Sendo em maioria por colegas de escola.

Seguindo com as questões, já na fase final, questionamos se eles já quiseram faltar a aula por não se sentir bem indo ao colégio e se sim, pedimos para falar quais seriam os seus motivos. E o primeiro retorno já foi que sim, que faltou a aula por receber apelidos, se sentir triste e ter sido excluída. Mais alguns alunos disseram que já mentiram estar doente para não ir à escola pelo mesmo motivo. Uma jovem declarou ter faltado por sentir um grande incômodo com a

sua barriga; outros atestam que as brincadeiras demasiadas e os “deboches” das meninas instigavam a faltar aula. Um aluno respondeu somente medo e outro problemas com familiares.

Um discente, com o mesmo motivo da maioria, confessou já ter pensado em suicídio, vejamos isso em suas próprias palavras: “Sim, porque sempre que eu chegava lá no colégio eu sabia que as pessoas iam rir me apelidar, eu até pensei em suicídio!”

E por fim, pedimos que aproveitassem o espaço para relatar como se sentem no ambiente escolar, se já foram alvos de alguma brincadeira que não teve graça e quais foram os seus sentimentos e consequências dessa “brincadeira”. O termo brincadeira aqui usado entre aspas, mostra que não consideramos o bullying como uma brincadeira, apenas utilizamos o termo para que a pergunta fosse compreendida pelos entrevistados. Uma discente relatou que se sente odiada, excluída, invisível, com queda de autoestima, têm sentimentos de insuficiência, desânimo, cansaço, ansiedade e estresse. Ressaltam que a escola não resolve o problema e tão pouco se importa com ele, e que reportar para a mesma, só causaria mais sofrimento.

Outro relato descreveu uma situação de desmaio na instituição: “através dos apelidos e brincadeiras desenvolveu distúrbio alimentar, passou mal no colégio por não comer de forma certa...”. Outro confessou querer ir embora da aula para não assistir a aula de determinado professor. Era acometido por sentimentos como tristeza, desânimo e uma insegurança tão forte ao ponto de causar ansiedade quanto a aparência foram registrados.

Uma aluna do ensino médio disse que os comentários feitos por colegas de classe e professores sobre seu corpo e cabelo a trouxeram para uma tristeza profunda, acarretaram depressão e a fez pensar em suicídio, tendo tentado já duas vezes. Um aluno confessou se sentir mal até hoje com as provocações e depois disse: “um dia vou fazer meu nome subir nessa cidade, meu pai tem uma arma, quando voltar às aulas e os alunos continuarem me zoando eu não terei piedade, e nem vou pensar duas vezes.”

Até aqui, foi reunido e exposto todos os dados que coletamos da pesquisa de campo, o próximo capítulo tem como objetivo analisar os dados que aqui foram apresentados. Portanto, o objetivo com o próximo capítulo é a análise desses dados considerando o referencial teórico e respondendo se o bullying é

identificado pelos alunos e quais são os efeitos causados neles, sua frequência e interferência no interesse nas aulas. Afinal, quais as consequências do Bullying para o processo de ensino aprendizagem?

CAPÍTULO III

Análise de dados

Este terceiro capítulo destina à análise de dados. no capítulo anterior foram apresentados os resultados das entrevistas em forma de questionário, que nos forneceu informações sobre o bullying escolar. Portanto, neste capítulo a proposta é analisar os resultados conforme o nosso referencial teórico através de uma discussão reflexiva sobre esse fenômeno na vida real.

A análise da pesquisa comprova a existência do fenômeno, sendo ele de predominância do bullying verbal, que ocorre de forma indireta. Através dos dados coletados apontamos como praticantes principais os colegas de classe e em um depoimento há registro de um professor, que ao decorrer de ações repetitivas por um longo período de tempo uma aluna o identificou como agressor.

Lopes Neto e Saavedra (p.19, 2004) definem “a violência nas escolas como sendo um problema social grave e complexo e, provavelmente, o tipo mais frequente e visível da violência juvenil.” Compreendendo essa violência como todo ato agressivo desde o mais grave como por exemplo: atos criminosos, desde ao menos conflituoso, como relações interpessoais. Se a escola reproduz a sociedade, ela está de modo consequente comprometida por essa fúria social.

Com as respostas dos discentes, constatamos que o fenômeno é conhecido e identificado pelos mesmos.

A diferença gritante entre bullying e uma brincadeira entre amigos, pode ser bem representada por meio do relato de um entrevistado:

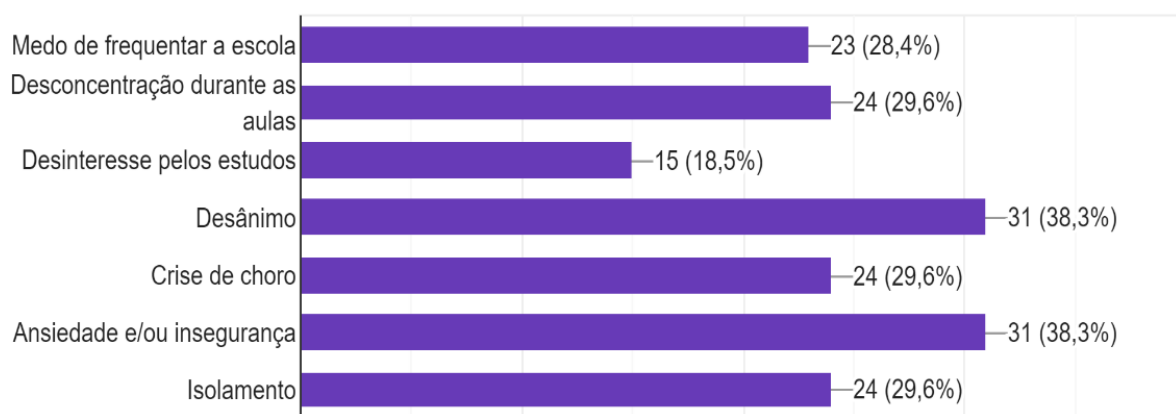
Me envergonho em dizer que sim, no momento pareceu somente brincadeira boba entre colegas, mas no fim das contas acabou afetando muito o outro, julgamos a falta de inteligência dele e ele faltou uma semana de aula após o ocorrido.

Se todos não se sentirem felizes não é uma brincadeira. Ele expressa culpa, porquê viu que o resultado do seu comentário trouxe dor ao outro. Fante (2005, p.28-29) apresenta o bullying como causador de dor, angustia e sofrimento. Por atuação de grupos que fazem essa hostilização, se essa ação se tornar repetitiva, pode ser configurado um ato cruel de bullying.

Em um todo, os dados que colhemos nas entrevistas, confirma a presença de algumas situações de bullying na escola, já que a maioria das respostas afirmaram passar por essas situações por mais de um ano, terem intencionalidade e apresentarem resultados como os apresentados a seguir.

A tabela abaixo sinaliza os dados correspondentes às consequências dos alunos frente as agressões:

Tabela 01 – Principais consequências que as agressões causaram:



Fonte: elaborado pela pesquisadora

Recapitulando o capítulo I, onde Guareshi (2008, p.17) nos alerta sobre os perigos desse mal, sendo eles: baixa de autoestima e desequilíbrio da saúde mental, desencadeamento de problemas como os citados acima. Fante (2005) enfatiza a questão dessas consequências serem amplas partindo de desinteresse até a evasão escolar por medo de frequentar as aulas ou não se sentir seguro e acolhido. O produto dessa violência não assombra somente o presente das vítimas, segundo SILVA, (2010, p.9):

As consequências são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de vivências, de predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, todas as vítimas, sem exceção, sofrem com os ataques de bullying (em maior ou menor proporção). Muitas levarão marcas profundas provenientes

das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema. Os problemas mais comuns são: desinteresse pela escola; problemas psicossomáticos; problemas comportamentais e psíquicos como transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, entre outros. O bullying também pode agravar problemas preexistentes, devido ao tempo prolongado de estresse a que a vítima é submetida. Em casos mais graves, podem-se observar quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio.

Essa violência não é momentânea, ela deixa cicatrizes. Muitas das vítimas não conseguem esquecer, atrapalhando seu futuro. (Silva, 2010, p.55) fala de como o bullying pode afetar a vida adulta desses adolescentes e o desenvolver transtornos psiquiátricos. Entre os relatos, duas alunas se abriram sobre a suas vulnerabilidades causadas pelo bullying, desabafando que:

Hoje eu carrego um "monstrinho" do lado, "Depressão" que foi causada quando eu estudava o 1º ano (Ensino médio). A depressão desenvolveu por causa de um professor e uns colegas, que todo dia tinham a mesma brincadeira sem graça de rir do meu corpo e do meu cabelo. O professor ao fazer exemplo de uma coisa mais fina e já me usava como exemplo e todos os colegas de classe começavam a rir de mim. Aquilo doía. É difícil carregar isso só pra mim, meus pais não sabem disso, e nem precisam saber, eu carrego feridas que ainda não se cicatrizaram, que doem, que machucam, que sangram. Toda noite eu choro, já tentei me suicidar duas vezes e não consegui, até nisso eu fracasei. Eu preciso de ajuda, eu vou acabar tirando a minha própria vida e eu não queria isso, juro que não queria acabar com a minha vida, mas sim com a dor.

Uma vez na minha sala de aula dois garotos começaram a fazer bullying verbalmente comigo, um deles disse “pede pro seu pai pegar aqueles negócio de engordar vaca e talvez assim você engorde e para de ser um esqueleto”. Isso nunca saiu da minha cabeça hora nenhuma, eu só sinto vontade de me isolar por conta da minha aparência. Eu me odeio pelo fato de todos julgarem minha aparência, e com isso tudo eu desenvolvi ansiedade e eu mutilo meus braços e aquilo nem chega perto do que eu sinto por dentro.

O primeiro relato sinaliza vivenciar “todo dia”, comentários maldosos e insultos. Configurando claramente o bullying, não há como contestar Comte-Sponville (1999, p. 7) que diz que: “se uma virtude pode ser ensinada, é mais pelo exemplo do que pelos livros”, que os professores se sintam no dever de serem exemplo.

Essa experiência traumatizante, em primeira instância faz a vítima se isolar e de acordo com (FANTE, 2005, p. 79) esse acontecimento guia conscientemente o comportamento e a construção de pensamentos e

inteligência, afeta a vida acadêmica, podendo desenvolver dificuldades de aprendizagem e baixo rendimento escolar, além de muitos outros malefícios.

Sendo um fenômeno multifacetado, podemos ver vários envolvidos em diferentes papéis, Fante (2005 p.71-74) e Silva (2010, p.31-32), explicam em suas obras quem são esses envolvidos e por meio de nossa pesquisa de campo podemos identificá-los na vida real. Nos dados obtidos, os comentários como: Sim, eu fiz bullying porquê ele fez comigo, ou um aluno que disse que poderia revidar com uma arma de fogo (sendo um caso mais grave, como foi observado por Fante (2010 p.9) retrata um pouco da vítima agressora, revidando o que fizeram com ela atraindo mais repercussão e ainda mais vítimas.

Um exemplo de vítima típica são as alunas que se descreveram como tímidas e reservadas. Pela personalidade que apresentam ser pessoas que facilmente não revidariam e que demonstram ser presas mais fáceis pela passividade. A grande maioria que disse não ter sofrido nem praticado bullying, podem ser espectadores em potencial, em sua maioria neutros, já que seus comentários falavam apenas que não, que não sofreu e nem realizou. E alguns diziam que expressavam comoção com as vítimas, como esses relatos transcritos: “Não, nunca pratiquei e nem pretendo. Porque eu já senti na pele como é, e não desejo pra ninguém” ou “Não faço com os outros o que eu não quero que faça comigo”.

Os agressores foram identificados como colegas de classe e um professor, nos dados que conseguimos não transparece uma vítima provocadora. Muitos não responderam o formulário, cerca de 30 alunos não se manifestaram.

Quando falamos que não estamos tratando de algo novo, é porquê a prática do bullying é parte da história da sociedade moderna camuflado e confortável. Um exemplo disso pode ser dado por Silva (2010):

Na Noruega, o bullying foi, durante muitos anos, motivo de apreensão entre pais e professores que se utilizavam dos meios de comunicação para expressar seus temores e angústias sobre os acontecimentos. Mesmo assim, as autoridades educacionais daquele país não se pronunciavam de forma oficial e efetiva diante dos casos ocorridos no ambiente escolar. No final de 1982, um acontecimento dramático começou a reescrever a história do bullying naquele país: três crianças, com idade entre 10 e 14 anos, haviam se suicidado no norte da Noruega. As investigações do caso apontaram, como principal motivação da tragédia, as situações de maus-tratos a que tais jovens foram submetidos por seus colegas de escola. Em resposta à grande mobilização nacional diante dos fatos, o Ministério da Educação da

Noruega realizou, em 1983, uma campanha em larga escala, visando ao combate efetivo do bullying escolar. (SILVA, 2010, p.111).

Fingir que o problema não existe não é uma alternativa inteligente, e para chegar a essa conclusão só precisamos refletir sobre a citação acima, que traz exemplos do passado em que a omissão foi usada e não solucionou nada. Esse silêncio e negação não promoveram nada além de mais caos.

Em vários de nossos registros há afirmações como: “a escola não se importa e falar sobre os abusos só piora a situação”. Para analisar essas afirmações, recorreremos ao Projeto Político Pedagógico da escola, que em seu item 4.4 discorre sobre a lei do bullying e seu conceito, no item 4.6 que corresponde ao Plano de Metas e Ações, na ação de número 19 é formulado o seguinte ato para o tratamento do fenômeno:

Realizar periodicamente atividades lúdicas com o objetivo de prevenir o bullying, pois com esta metodologia, o brincar é reconhecido como uma importante estratégia de desenvolvimento, aprendizagem e melhoria das relações no contexto infanto-juvenil, sendo uma ferramenta útil para a socialização e diminuição das práticas agressivas na escola. (Projeto Político Pedagógico, 2021, p.19)

Ação essa para ser efetivada ao reingresso às aulas presenciais, que não estão acontecendo devido a pandemia do novo covid-19.

Esse terceiro capítulo foi feito com o propósito de analisar os dados que conseguimos colher com a pesquisa apresentada no segundo capítulo, considerando para isso o referencial que apresentamos no primeiro capítulo. Concluímos a parte analítica e partimos para as nossas considerações finais sobre o tema.

Considerações finais

O principal objetivo deste trabalho foi discutir o bullying e suas implicações na escola. No primeiro capítulo nosso intuito era conhecer nosso objeto de estudo, perpassamos por sua história e percebemos como essa violência não teve atenção, até desencadear uma tragédia. Vimos que seus integrantes podem variar de acordo com suas personalidades e o momento em que estão passando, como por exemplo: posso ser uma pessoa passiva, mas fazer um comentário nocivo contra um colega, me divertir com aquilo e ser uma espectadora ativa na atuação do fenômeno, cada protagonista da violência têm sua porcentagem de culpa, ninguém fica isento seja sua participação maior ou menor.

Não existe somente uma variação de bullying, podendo ser dividido em vários tipos e expresso de várias formas, como de forma física, verbal, psicológica, preconceituosa. Mas todos com a intenção de humilhar e rogar superioridade. Essa ação de hostilização pode gerar traumas para a vida inteira, há vítimas que não se recuperam e outras que buscam resiliência para superar o ocorrido. A melhor medida contra o bullying é a prevenção através da sensibilização desses alunos, junto com a escola que assume sua responsabilidade legal de assegurar programas e projetos contra a problema, se tornando responsáveis pela prevenção e combate. Não sendo somente um problema da escola, mas uma falha social, sendo um dever de todos promover respeito as diferenças e combate a toda e qualquer violência.

No segundo capítulo apresentamos os dados da nossa pesquisa e nos deparamos com demasiados casos de agressões verbais, que agridem o psicológico das vítimas e infelizmente, registros de consequências psicossomáticas como depressão, mutilação, distúrbio alimentar e etc. E no capítulo três analisamos esses dados com o referencial teórico sendo aplicado nas representações cotidianas.

Através da leitura de livros e artigos, percebemos que o fenômeno afeta a vida acadêmica, desencadeia dificuldades de aprendizagem e muito mais. Considerando os referenciais teóricos estudados e o que vimos em campo, ficou evidente que o bullying afeta o aprendizado, o interesse nas aulas e pode desencadear evasão escolar. Não sendo poucas as consequências dessa

violência para o ensino aprendizagem e para a construção de futuros profissionais e cidadãos.

Não podemos de forma nenhuma negligenciar o bullying, que vimos nas páginas anteriores, como é complexo e devastador para o desenvolvimento escolar e emocional dos jovens.

Não vamos conseguir resultados rápidos e fáceis, mas podemos chegar a diminuir os danos. É preciso que o ambiente escolar seja seguro, que a tolerância às diferenças seja praticada, que a gestão escolar se oponha a qualquer tipo de violência, para que assim o ensino aprendido ocorra, e para que a única disputa de poder dentro do ambiente escolar seja por quem mais destila gentileza e conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARROS, Paulo Cesar, CARVALHO, João Eloir e CARVALHO, João Eloir *Um Estudo Sobre O Bullying No Contexto Escolar*. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10169/1/Um%20estudo%20sobre%20o%20bullyingEDUCERE2009.pdf>. Acesso em: 1 de dezembro de 2019.

OLWEUS, D. *Conductas de acoso y amenaza entre escolares* (trad. 1998). Madrid: Morata, 1993.

COSTA, Marcelo apud Silva, José. *Tipos de Bullying*. Disponível em: <https://www.centronoticias.pt/2017/04/29/existem-seis-tipos-de-bullying-fisico-sexual-verbal-social-cyberbullying-e-bullying-homofobico-cronica-do-psicologo-marcelo-costa/> Acesso em: 1 de dezembro de 2019.

MENEZES, Pedro. *Tipos de Bullying: Qual a diferença entre tipos de bullying?* Disponível em: <https://www.diferenca.com/tiposdebullying/#:~:text=Os%20tipos%20de%20bullying%20diferenciam,em%20um%20ambiente%20infanto%2Djuvenil>. Acesso em: 1 de dezembro de 2019.

PORFÍRIO, Francisco. *“Bullying”:Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 5 de dezembro de 2019.

LEANDRO, Vera Lucia Damacena. *BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR*. Pedagogia ao Pé da Letra, 2013. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/bullying-no-ambiente-escolar/>. Acesso em: 4 de dezembro de 2019.

SILVA SALES, Elton. *As questões de gênero, nas aulas de Educação Física Escolar.2020*. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>. Acesso em: 5 de dezembro de 2019.

NASCIMENTO, Débora Pereira do et al. *O fenômeno do bullying: percepções dos agressores, vítimas e suas famílias*. 2013. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4782/D%C3%A9bora-Nascimento-Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1>. Acesso em: 5 de dezembro de 2019.

GOMES, Marcelo Magalhães. *O Bullying Escolar no Brasil*. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-bullying-escolar-no-brasil.htm> Acesso em: 3 de dezembro de 2019.

RAMOS, Euélica Fagundes. *Violência escolar e bullying: o papel da família e da escola. As consequências da violência para a comunidade escolar*. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/administracao/violencia-escolar-bullying-papel-familia-escola.htm>. Acesso em 3 de dezembro de 2019

GUARESCHI, Pedrinho A.; SILVA, Michele Reis da. *Bullying: mais sério do que se imagina*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

COLOROSO, Barbara. *The Bully, the bullied and the bystander. From preschool to high school – how parentes and teachers can help break the cycle of violence*. New York: HarperCollins Publishers, 2004.

CHALITA, Gabriel. *Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Gente, 2008.

FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Verus Editora, 2005.

ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes. *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Editora Fiocruz, 2010.

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 95-119. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from SciELO Books.

SHENINI, FÁTIMA. *Especialistas Indicam Formas de Combate a Atos de Intimidação*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487> Acesso em: 2 de outubro de 2020.

OLWEUS, Dan. *Bully/victim problems in school: Facts and intervention*. *European journal of psychology of education*, v. 12, n. 4, p. 495, 1997.

PORFÍRIO, Francisco. *"Cyberbullying"; Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cyberbullying.htm>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Mentes perigosas nas escolas: bullying*. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 161, 2010.

JOSUÉ, Aryane Maria Aguiar Costa. *Bullying: Uma Análise Crítica Sobre a Lei Nº 13.185/2015*. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/55200/bullying-uma-analise-critica-sobre-a-lei-n-13-185-2015>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

CALHAU, Lélío Braga. *Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão*. 2 ed. Niterói, RJ: Impetus, 2010

CHALITA, Gabriel. *Pedagogia da amizade. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Gente, 2008.

CHALITA, Gabriel. *Bullying: O sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Gente, 2008.

UNKNOWN. *Diga Não Ao Bullying e Cyberbullying*. Disponível em: <http://diganaoaobullyingecyberbullying.blogspot.com/2012/12/bullying-direto-e-bullying-indireto.html>. Acesso em 14 de outubro de 2020

SILVA, Thamires Olimpia. *"Violência no Brasil"; Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/violencia-no-brasil.htm>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

ATIVA, AGQTERVO; TOCAR, E. A. *NOSSA LUTA; SUA, O. ENCONTRO DAS ESCOLAS E. CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO CEARÁ FACULDADE CEARENSE CURSO DE SERVIÇO SOCIAL*. Disponível em: <https://www.faculdadescearenses.edu.br/biblioteca/TCC/CSS/A%20GENTE%20QUER%20TER%20VOZ%20ATIVA%20E%20A%20NOSSA%20LUTA%20TOCAR%20O%20ENCONTRO%20DAS%20ESCOLAS.pdf>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

Brasília, DF: MS/SPS/DAB, 2002. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000. Resultado dos Dados Preliminares do Censo – 2020. *Nova Iguaçu de Goiás*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/nova-iguacu-de-goias/panorama>. Acesso em 05 de março de 2021.

BARROS, Paulo Cesar; CARVALHO, João Eloir; PEREIRA, Beatriz Oliveira. *Um estudo sobre o bullying no contexto escolar*. 2009.

LOPES NETO, Aramis Antonio; SAAVEDRA, Lucia Helena. *Diga não para o bullying*. Rio de Janeiro: ABRAPI, 2004.

SANTOS, Andréia Mendes, GROSSI, Patricia Krieger, SCHERER, Patricia Teresinha. *Bullying nas escolas: a metodologia dos círculos restaurativos*.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84831710014>. Acesso em 05 de março de 2020.

ESTEVE, Cristiane EA; ARRUDA, A. L. M. M. *Bullying: quando a brincadeira fica seria, causas e consequências*. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 5, n. 1, p. 1-36, 2014

FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=K_bozAkJR0C&oi=fnd&pg=PA4 Acesso em: 06 de março de 2020

SILVA, Ana Beatriz B. Conselho Nacional de Justiça, *Bullying, Cartilha 2010 – Projeto Justiça nas Escolas, 1ª edição*. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/images/programas/justica-escolas/cartilha_bullying.pdf. Acesso em: 06 de março de 2020.

PEREIRA, Kris Kristoferson. *Consequências e implicações do bullying nos envolvidos e no ambiente escolar*. Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas, v. 1, n. 2, 2014.

COMTE-SPONVILLE, A . *Pequeno Tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CREMER, E. *“Bullying”: a violência na escola contemporânea sob o enfoque da abordagem gestáltica*. IGT na Rede, v. 12, n. 22, 2015.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.

PPP – Projeto Político Pedagógico – GO – 2021.

ANEXOS

Questionário

1. Qual a sua idade?
2. Sexo?
3. Você sabe o que é bullying?
4. Na sua vida acadêmica, já estudou sobre bullying ou participou de algum projeto de intervenção?
5. Você já sofreu ou praticou bullying? Se sim, descreva a situação
6. Quanto tempo durou a situação de bullying?
7. Você já praticou bullying? Se sim, descreva a situação
8. Você já ouviu falar em cyberbullying?
9. Você já foi ameaçado ou insultado por mensagens, postagens no facebook, instagram ou outra rede social?
10. Você já se sentiu excluído? Se sim, nos diga porquê
11. Você já recebeu apelidos? Se sim, quais?
12. Quem são as pessoas que te apelidaram?
13. Você já quis faltar aula por não se sentir bem indo ao colégio? Se sim, o que causou isso?
14. Esse espaço é livre. Relate aqui como se sente no ambiente escolar, se você já foi alvo de alguma brincadeira que não teve graça para você.